

# em torno do conceito de metáfora de jakobson e lacan

Gelson Santana

Pós-graduando em Imagem e Som na ECA-USP

*"A metáfora é o trabalho de sonho da linguagem."*  
DONALD DAVIDSON

---

**ABSTRACT:** This paper considers Jean-François Lyotard's vision about the differences between Roman Jakobson e Jaques Lacan concepts of metaphor and metonym.

**KEY WORDS:** Metaphor – Metonym – Similarity – Contiguity – Sintagm – Paradigm.

---

O presente trabalho resulta da leitura dos textos: “Dois aspectos da linguagem e dois tipos de afasia”, de Roman Jakobson (1975), e “L’instance de la lettre dans l’inconscient ou la raison depuis Freud” de Jacques Lacan (1966), em comparação com a leitura que deles faz Jean-François Lyotard, em *Discours, Figure* (1985, p. 250-60).

A primeira preocupação foi o acompanhamento do texto de Jakobson através de suas conexões com Saussure, sua implicação a outras artes que não a verbal. De maneira sucinta, foi ainda feita uma abordagem da teoria dos eixos em seu relacionamento com a teoria dos sonhos de Freud.

Desse ponto, surgiu a necessidade de leitura do texto lacaniano, tendo em vista a divergência entre Lacan e Jakobson no que diz respeito à condensação na metáfora.

Segundo Saussure, "*num estado de língua tudo se baseia em relações*" (SAUSSURE, 1975, p. 142). Os eixos sobre os quais giram tais relações da categoria linguística são dois e foram primeiramente abordados em teoria por N. Kruszewski, teórico polonês da linguagem:

*"Cada palavra está ligada por dois gêneros de elos: primeiro, por inumeráveis elos da similaridade com palavras aparentadas pelos sons, pela estrutura e pela significação e segundo, por outros tantos elos de contigüidade com diversas maneiras de falar; uma palavra é sempre um membro de famílias ou de sistemas determinados de palavras e simultaneamente um membro de séries sintáticas determinadas de palavras"* (HOLENSTEIN, 1978, p. 143).

Retomando tais formas de grupamento linguístico, Saussure introduz modificações, especialmente no que concerne à limitação da caracterização associativa ao eixo paradigmático. Para Saussure, o primeiro eixo, que ele denomina sintagmático, determina a posição e a função de um termo em todos os enunciados possíveis. O segundo, que ele chama de associativo e Hjelmslev de paradigmático, prevê o termo ligado a outros que podem substituí-lo.

Os dois eixos são ligados à teoria da significação como valor, em Saussure; por sua vez, a última está ligada ao fato de que a linguagem remete a um sistema fechado: a língua. Como sistema fechado, a língua pode falar sobre seu objeto, que lhe é exterior. Assim, tal fechamento permite juntar duas funções: a dupla função interna (sintagma/paradigma) e a função externa (referência). A essa duplicidade relativa do termo na língua corresponde uma duplicidade de operação na fala.

Jakobson propõe representar essa duplicidade na fala da seguinte

maneira: o falante seleciona cada termo entre todos aqueles que a ele estão ligados por possibilidades de substituição (paradigmáticas) e combina os termos selecionados de acordo com as relações de associação (sintagmática) que governam o encadeamento de cada termo empregado. Assim, para Jakobson, a relação de paradigma (no falante) corresponde a um ato de combinação. A partir dessa colocação, Jakobson aponta dois tipos de afasia. Quando a doença atinge a capacidade seletora, perturba a similaridade. O afásico, sofrendo dessa incapacidade, perde a possibilidade da substituição:

*“O afásico que sofre de distúrbio da função de substituição não completará o gesto do observador - de indicação ou manipulação - com o nome do objeto indicado. Em vez de dizer ‘isso é chamado lápis’ acrescentará simplesmente uma observação elíptica acerca do seu uso: ‘Para escrever’”.* (JAKOBSON, 1975, p. 45).

A perda da capacidade de substituição implica a impossibilidade de uso de sinônimos, de tradução de uma outra língua ou de outro sistema de signos e até na impossibilidade de repetir simplesmente uma palavra. Holenstein observa que tal tipo de doença,

*“ao estímulo ‘champanhe’ não reage com respostas tais como: ‘Você está falando do vinho branco espumante da França’ (circunlocução) ou: ‘Entendi você está pensando no champanhe’ (pleonasma).”* (HOLENSTEIN, 1978, p. 147).

O afásico desse tipo emprega palavras mais gerais ou apenas expressões restritas a um contexto concreto específico. No caso da palavra “champanhe” ele escolherá metonimicamente alguma coisa que tenha relação (espacial, temporal ou causal) com ela.

A deterioração da capacidade de construir proposições ou, em termos mais gerais, de combinar entidade lingüísticas mais simples em unidades mais complexas está, na realidade, limitada a um só tipo de afasia,

que é o oposto “do tipo discutido no capítulo anterior” (JAKOBSON, 1975, p. 50).

Este é o segundo tipo de afasia estudado por Jakobson: O distúrbio da contigüidade. Neste tipo de afasia, “*deficiente quanto ao texto (...) a extensão e a variedade das frases diminuem*” (JAKOBSON, 1975, p.50). O afásico assim afetado é incapaz de formar frases coerentes. Perde o uso das palavras relacionais (HOLENSTEIN, 1978, p. 148).

*“Quanto menos uma palavra depender gramaticalmente do contexto, tanto mais forte será sua persistência no discurso dos afásicos com distúrbio da função de contigüidade, e tanto mais rapidamente será eliminada pelos pacientes que sofrem de distúrbios da similaridade”* (JAKOBSON, 1975, p. 51).

A normalidade do discurso se apóia na combinação equilibrada dos eixos. Dessa forma, é o equilíbrio entre eles que garante a comunicabilidade.

Sem dúvida que o problema da comunicabilidade pode estar vinculado a um outro tipo de discurso desequilibrado, porém não necessariamente afásico. Trata-se do discurso literário, ao qual Jakobson aplicou sua teoria de similaridade/contigüidade. Para os lingüistas, o discurso literário tem, justamente, a característica básica de desequilibrar a linguagem “normal”.

*“Manipulando esses dois tipos de conexão (similaridade e contigüidade) em seus dois aspectos (posicional e semântico) - por seleção, combinação e hierarquização - um indivíduo revela seu estilo pessoal, seus gostos e preferências verbais”* (JAKOBSON, 1975, p. 56).

Jakobson elabora uma classificação sobre três estágios diferentes do discurso: retórica, gêneros e escolas vinculando-os aos dois eixos relacionais: paradigma e sintagma. Assim:

Natureza das relações entre os termos	Relações paradigmáticas	Relações sintagmáticas
Níveis		
Língua	similaridade	contigüidade
Fala	seleção	combinação
Tropo	metáfora	metonímia
Gênero	poesia	prosa
Escola	romantismo	realismo
	simbolismo	

O quadro acima resume as considerações de Jakobson, toda a parte V - Os polos metafóricos e metonímicos de seu estudo acerca da afasia. Os critérios por ele usados não extrapolam o terreno da linguagem articulada propriamente dita. No entanto, Jakobson deixa claro que

*“a predominância alternativa de um ou outro desses dois processos não é de modo algum exclusivo da arte verbal. A mesma oscilação aparece em outros sistemas de significação que não a linguagem”* (JAKOBSON, 1975, p. 57).

Dessa maneira, ele estende a metáfora e metonímia, tropos vinculados às relações paradigmáticas e sintagmáticas (*“A metáfora é incompatível com o distúrbio da similaridade e a metonímia com o distúrbio da contigüidade”*) (JAKOBSON, 1975, p. 55) a outras artes que não a literária.

*“(…) pode-se notar a orientação manifestadamente metonímica do Cubismo, que transforma o objeto numa série de sinédoques; os pintores surrealistas reagiram com uma concepção visivelmente metafórica. A partir das produções de D. W. Griffith, a arte do cinema, com sua capacidade altamente desenvolvida de variar o ângulo, a perspectiva e o foco das tomadas, rompeu com a tradição do teatro e empregou uma gama sem precedentes de grandes planos sinédóquicos e de montagens metonímicas em ge-*

*ral. Em filmes, como os de Charlie Chaplin e Eisenstein, esses procedimentos foram suplantados por um novo tipo metafórico de montagem, com suas 'fusões superpostas' — verdadeiras comparações filmicas” (JAKOBSON, 1975, p. 58).*

Jakobson estende a idéia de competição entre os dois procedimentos, metonímico e metafórico, a *“todo processo simbólico, quer seja subjetivo, quer social”* (JAKOBSON, 1975, p. 61). Isso o leva a abordar a estrutura dos sonhos:

*“Eis porque numa investigação da estrutura dos sonhos, a questão decisiva é saber se os símbolos e as seqüências temporais usadas baseiam-se na contigüidade ('transfêrência' metonímica e 'condensação' sinedóquica de Freud) ou na similaridade ('identificação' e 'simbolismos' freudianos)* (JAKOBSON, 1975, p. 61).

Se observarmos, ele coloca o deslocamento freudiano ( a transfêrência metonímica) e a condensação freudiana ( a sinédoque) na coluna das relações sintagmáticas ( vide quadro acima). Enquanto a identificação e o simbolismo ficarão na coluna correspondente ao paradigma. Tal procedimento não se coaduna com o de Lacan, que identifica a condensação com metáfora e o deslocamento com metonímia.

É quanto à condensação que Lacan e Jakobson diferem. Em psicanálise, Lacan

*“modificou a proposição de Jakobson e coordenou ambos os eixos com os dois principais mecanismos que Freud atribuiu ao inconsciente”* (HOLENSTEIN, 1978, p. 153).

Dessa forma, a condensação fica vinculada ao eixo metafórico; e deslocamento, ao eixo metonímico.

Vejamos a posição lacaniana acerca da condensação:

*“A Verdichtung, condensação é a estrutura de sobreposição dos significantes em que toma seu campo a metáfora, e cujo nome, por condensar em si mesmo a Dichtung, indica a co-naturalidade do mecanismo com a poesia até o ponto em que aquele envolve a função propriamente tradicional desta”* (LACAN, 1966, p. 511).

Assim, segundo Lacan, a metáfora é *“uma palavra pela outra”*, nesse conceito de *“estrutura de sobreposição de significantes”*. Ele cita o célebre exemplo de Victor Hugo: *“Sa gerbe n'éteait pas avare ni haineuse”* (Seu feixe não era avaro nem sentia ódio).

Ai, a palavra “feixe” substitui o nome próprio Booz.

Porém, não existem apenas as vias metafóricas, mas também vias metonímicas da condensação. Como quando em um sonho a figura de uma animal substitui a de um ser humano, mas vem trajada com as roupas (metonímia) deste último. Assim também ocorrem deslocamentos metafóricos no sonho ou na arte. Por exemplo, quando um dedo arrancado a alguém simboliza adultério. Isso foi demonstrado por Freud em diversos casos em seus estudos sobre o trabalho dos sonhos.

Quanto a Jakobson, este parte de uma noção de substituição que se fundamenta sobre um conceito estritamente estruturalista da língua e depois passa a uma acepção retórica da metáfora que se aplica ao discurso.

Falando do verso de Victor Hugo que exemplifica como modelo da metáfora, Lacan diz que:

*“(…) a chispa criadora da metáfora não brota da colocação presente de duas imagens, ou seja, de dois significantes igualmente atualizados. Brota entre dois significantes dos quais um substitui o outro tomando seu lugar na cadeia*

*significante, o significante oculto segue presente por sua conexão (metonímica) com o resto da cadeia” (LACAN, 1966, p. 507).*

Ou seja, o “feixe” substitui Booz. Entre os dois significantes surge a chispa da metáfora.<sup>1</sup> Mas, para Jakobson, o verso em questão não seria jamais metafórico. Embora a concepção do processo metafórico no texto sobre a afasia se baseie na reação substitutiva. Enquanto o processo metonímico se baseia na reação predicativa. Estudando a posição de Jakobson, Lyotard exemplifica:

*“Em um teste de associação, propõe-se como indutor a uma criança a palavra **choupana**: se a resposta é do tipo: **queimou** ou **é uma casinha pobre**, a reação é dita predicativa; se a resposta é do tipo: **choupana, cabana, palácio**, a reação é dita substitutiva” (LYOTARD, 1985, p. 255).*

O caráter da resposta predicativa é o de constituir uma frase. Mas se pode observar que há dois tipos de frase: “*choupana queimou*” e “*choupana é uma casinha pobre*”. Na primeira, temos uma frase narrativa, mas na segunda não. Embora a organização seja sintagmática pela posição (sujeito e predicado) existe a possibilidade semântica da substituição, pois: “*é uma casinha pobre*” pode substituir: “*choupana*”.

Segundo Lyotard, Roman Jakobson distingue, então, um aspecto posicional (no enunciado) e um aspecto semântico (no quadro de significações do contexto, dentro da língua). Uma metáfora, então, pode ocupar posição predicativa e ser, semânticamente, substitutiva.

---

1. Se “*Booz endormi*”, mesmo que alusivamente (GRIMAUD, 1978, p. 104), funciona como exemplo de um *corpus* laciano é porque a criação artística é tomada como um sintoma em que é preciso que se busque a palavra de ordem (segredo de Édipo e da psicanálise) que nos fura os olhos. Esse segredo torna-se “visível” a partir do momento que em Lacan o significado de Jakobson se transforma ou se desloca em sujeito. Fazendo da teoria da *metáfora* uma teoria da metáfora do *sujeito*.

*“Um enunciado como ‘seu feixe não era avaro nem sentia ódio’ não pode, de maneira alguma passar por uma metáfora aos olhos de Jakobson: não apenas seus termos formam um enunciado de tipo evidentemente predicativo, mas ainda, sobre o plano semântico, eles são insubstituíveis”* (LYOTARD, 1985, p. 255).

Aos olhos de Jakobson, portanto, *“Seu feixe não era avaro nem sentia ódio”*, será tomado como metonímia, uma vez que feixe pode ser visto como emblema de Booz. Para Lyotard, *“(…) o uso do imperfeito (era) dá ao enunciado uma conotação tipicamente narrativa”* (LYOTARD, 1985, p. 256).

Na metáfora poética, o que interessa, além disso, não é apenas aquilo que Lacan<sup>2</sup> deixa claro em sua definição desse *tropo*. Ao poeta interessa que a substituição nunca é aquela autorizada pelo uso. Pelo contrário: o uso faria com que a substituição não passasse de uma mera escolha, uma espécie de sobrecarga da significação, em que um termo estaria de modo sobredeterminado em detrimento de outros. Por exemplo: *“Ele se chateia - ou se aborrece - ou se entedia - neste lugar”*. Isso é apenas uma questão de estilo, como diz LYOTARD (1985).

A verdadeira metáfora poética joga com a transgressão no campo das substituições. Desafia o uso (sobre o qual se fundamenta a substituição) e o transforma.

Assim, André Breton se posicionava: *“Para mim, a imagem surrealista mais forte é aquela que apresenta o mais alto grau de arbitrariedade”* (BRETON, 1990, p. 50).

---

2. É interessante observar que para Lacan a condensação significante é fundamental já que, com seu efeito de metáfora, manifesta a dimensão em que o inconsciente aparece (LACAN, 1993, p. 234). É concluir que *“isto quer dizer que a realidade é mais séria, e mesmo para o homem a única séria, se se considera seu papel que sustenta a metonímia de seu desejo não pode ser retido senão na metáfora”* (LACAN, 1966, p. 892) (grifo meu).

**Bibliografia**

- BRETON, André. (1990). *Manifestes du surréalisme*. Paris, Gallimard.
- GRIMAUD, Michel. (1978). Sur une métaphore métonymique hugolienne selon Jacques Lacan. *Littérature*, (29) fev.
- HOLENSTEIN, Elmar. (1978). *Introdução ao pensamento de Roman Jakobson*. Rio de Janeiro, Zahar.
- JAKOBSON, Roman. (1975). Dois aspectos da linguagem e dois tipos de afasia. In: *Linguística e comunicação*. São Paulo, Cultrix.
- LACAN, Jacques. (1966). L'instance de la lettre dans l'inconscient ou la raison depuis Freud. In: *Écrits*. Paris, Seuil.
- . (1993). *O seminário: livro 11*. 2ed. Rio de Janeiro, Jorge Zahar.
- LYOTARD, J.F. (1985). Le travail de rêve ne pense pas. In: *Discours, figure*. 4ed. Paris, Klincksieck.
- TOLEDO, Dionísio (org.). (1978). *Círculo lingüístico de Praga: estruturalismo e semiologia*. Porto Alegre, Globo.
- SAUSSURE, Ferdinand de. (1975). *Curso de lingüística geral*. 7ed. São Paulo, Cultrix.